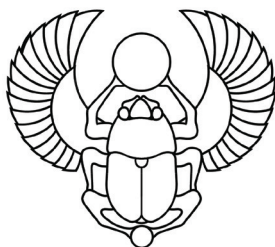


O ESCRAVELHO DOS DEUSES:
LUGARES MALDITOS



MOINHOS

MARIANNE SANTIAGO



O ESCARAVELHO DOS DEUSES:
LUGARES MALDITOS



MOINHOS

© Moinhos, 2016.

© Marianne Santiago, 2016.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Revisão:

LiteraturaBr Serviços Editoriais

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Serviços Editoriais

Ilustração da Capa & Capa:

Lily Oliveira

1ª edição, Belo Horizonte, 2016.

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

S235o

Santiago, Marianne | O escaravelho dos deuses: lugares malditos

ISBN — 978-85-92579-00-5

CDD B869.3 | CDU 82-3

Índices para catálogo sistemático

1. Ficção 2. Literatura Brasileira

I. Título

Belo Horizonte: Editora Moinhos 2016. | 312 p.; 21 cm.

Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

editoramoinhos@gmail.com

IMPRESSÃO BARTIRA

TIRAGEM 500 EXEMPLARES

*Para Helórya, minha l. i.,
e Millen, por me presentear com a ideia do escaravelho.*



PRÓLOGO

Abusir, Egito

O túmulo da rainha Khentakawess III, da V Dinastia de faraós do Egito, foi encontrado em uma antiga necrópole ao sudoeste de Cairo, região conhecida como “sítio dos reis esquecidos”. Krystof Lorenz explorava túmulos há dezessete anos e aquela era a primeira vez que comandava uma expedição e se deparava com uma tumba intacta, onde os saqueadores não haviam cometido a atrocidade de penetrar antes e dilapidar tudo o que encontravam pela frente.

Ele estava exultante.

Além da descoberta por si só representar um marco da exploração arqueológica – que contava com tão poucos registros daquela dinastia – o local estava repleto de artefatos de valor histórico e financeiro inestimáveis. Krystof finalmente conseguiria ver seu nome figurar no *hall* dos mais célebres exploradores vivos, ele seria conhecido e admirado, citado na literatura, poderia viajar o mundo dando palestras sobre seu achado: uma rainha da V Dinastia, da qual se sabia tão pouco. Graças a ele um novo capítulo sobre a história dos reis egípcios seria escrito. Ele não cabia em si de tanto êxtase.

Na noite da descoberta, fez o máximo de anotações que conseguira em seu *laptop*, encolhido em um escritório improvisado dentro

de uma das barracas precariamente iluminadas do acampamento. Não se importava com as condições, queria registrar tudo, cada detalhe, cada pormenor para a posteridade. Por fim, exausto, deitou-se com um sorriso bobo nos lábios e adormeceu como um bebê.

Acordou com uma movimentação atípica, mesmo para um acampamento de exploração arqueológica, ainda era noite. Deu um salto de seu leito, que fora montado da melhor maneira que se poderia com os recursos que possuíam para a pesquisa. Suas roupas de baixo lembravam ceroulas do século XIX, cobriu-se com um roupão e, completamente atordoado, partiu barraca a fora.

– Senhor Lorrenz, senhor Lorrenz! – uma jovem de sotaque carregado corria em sua direção.

– O que foi? O que está acontecendo, mulher? – ele perguntou, e ouviu sua voz sair desesperada ao encarar a moça ofegante em sua frente titubear.

– E-eles levaram, Senhor! E-eles o levaram!

– Levaram?! Levaram o quê? Quem? Para onde? – Krystof indagou arquejante.

– O baú! – respondeu a jovem erguendo o braço sobre o ombro dele, apontando para um veículo em movimento que se distanciava do acampamento na escuridão.

Krystof Lorenz prendeu a respiração, sua boca secou e, sem pensar com clareza, começou a se mover na direção do veículo, a princípio lentamente, e depois de forma cada vez mais acelerada. Quando deu por si, estava correndo de ceroulas pela trilha árida, gritando palavras ininteligíveis, o punho fechado erguido no ar. Foi amparado por dois ajudantes da equipe que o alcançaram alguns instantes depois, quando já aos prantos caía de joelhos no chão pedregoso, com os olhos esbugalhados, acometido pela dor mais excruciante que já sentira e que agora lhe cortava o peito. Ele tinha cinquenta e quatro anos.



CAPÍTULO 1

O ESCARAVELHO

Cairo, Egito

O Khan el Khalili é um centro comercial de mais de mil anos situado no coração de Cairo. Há uma imensidão de ruelas, tendas, pequenas lojas, bazares, oferecendo de calçados e roupas a joias e especiarias típicas da região. Foi o Khan que trouxe a tradição de grande centro comercial a Cairo, os antigos comerciantes passaram a ter, ali, um lugar fixo para vender as mais diversas bugigangas.

Pelas travessas estreitas, um jovem de pele alva, cabelos escuros e olhos acinzentados, caminhava, com vestimentas típicas de viajante, observando as mercadorias expostas. Parou em frente a uma tenda específica e observou um artesão nativo, que vestia túnica e turbante, enquanto fabricava, com tiras de couro, o que o rapaz acreditou ser um objeto para se utilizar na cozinha. Não poderia ter certeza, mas a habilidade com que manuseava os materiais o deixou hipnotizado. Distraiu-se do artesão por um instante e capturou a imagem de um outro homem de meia idade, com a pele bronzeada, recostado à parede ao lado de uma tenda acortinada e fechada, tinha uma expressão severa, de poucos amigos, e fumava um cigarro.

O rapaz aproximou-se com a intenção de entrar no local. Achou que o homem mal-encarado talvez o fosse impedir, mas se enganou

e, ao invés de barrá-lo, o homem o acompanhou tenda adentro. De- parou-se com uma diversidade de objetos expostos em mesas, todos com aparência de verdadeiras velharias. O local era sujo e cheirava a madeira podre e molhada e se sentiu mal de imediato, se preparou para dar meia volta e sair quando um objeto em particular chamou sua atenção. Tratava-se de um medalhão em formato de escaravelho, aquele inseto que os egípcios tanto veneravam, aparentemente em cobre, com cerca de cinco centímetros de diâmetro, pendurado em uma fina corrente dourada. Ele tocou o pingente com a ponta dos dedos, contornando as pontas, e falou para o homem:

– Quanto?

– É tesouro. Da rainha. Muito raro – respondeu em inglês precário.

Não era a primeira vez que o jovem estava no Egito, já havia sido alertado sobre a quantidade imensa de falsificações e piratarias de artefatos antigos. Não iria cair, em sua consciência, nessa história de tesouro, mas havia realmente se agradado do pingente e dinheiro, bem, dinheiro não era problema para ele. Retirou a nota mais alta que tinha na carteira e mostrou para o homem. Sem titubear, o vendedor tomou o objeto em mãos e entregou para o rapaz, recebendo a nota em troca. Satisfeito, o jovem deixou a tenda, quando foi surpreendido por uma mão pesada em seu ombro e se virou subitamente.

– Nick, venha! O avião sai em duas horas, temos que ir!

Nick respirou fundo e aspirou o aroma das especiarias do Khan el Khalili por uma última vez e com um certo pesar. O ano letivo estava prestes a começar e ele não poderia voltar a viajar tão cedo. Ele assentiu e seguiu o homem de volta para casa, ou o que deveria ser sua casa de agora em diante: um internato, onde passaria todo o ensino médio isolado de tudo o que ele até então conhecia como família e amigos.

Pobre, Nick.

Logo descobriria que o que lhe esperava era muito pior do que poderia imaginar.